

# MOMENTO DE DESCONFIANÇA

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

**U**ma onda de pessimismo varreu o mercado financeiro em relação à América Latina, diante da decisão dos governos do México e do Uruguai de congelarem preços dos alimentos para conter a inflação. Os investidores taxaram a medida como "desesperada", pois, se, num primeiro momento, tende a impedir a escalada inflacionária, pode levar os índices de preços a patamares mais altos do que os registrados antes do congelamento.

O grande temor é de que esse caminho, já adotado pela Argentina e a Venezuela e cogitado pela Bolívia, seja seguido por países que têm optado por combater a inflação com instrumentos mais ortodoxos, como a elevação das taxas de juros. Nesse grupo está o Brasil. "Seria estarrercedor se a América Latina decidisse repetir os erros do passado, que só resultaram em desastres econômicos", disse Vitória Saddi, analista para a América Latina da consultoria RGE Monitor, com sede em Nova York.

Para não deixar dúvidas em relação ao Brasil, quando indagado pelo Correio sobre o tema, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi taxativo. "Não opino sobre a política de países amigos, mas, aqui, não faremos nada disso", afirmou (leia na página 14). Desde abril, disse ele, o Banco Central elevou a taxa básica de juros (Selic) de 11,25% para 12,25% ao ano. O governo também aumentou o superávit primário (economia para o pagamento de juros) em 0,5 ponto percentual. São medidas impopulares, mas que se têm mostrado mais eficazes que estripulias como o congelamento de preços.

A expectativa é de que, para compensar o congelamento, o banco central do México aumente a taxa de juros, que está em 7,5% ao ano. O presidente mexicano, Felipe Calderón, teme que um aperto monetário não seja suficiente para conter a inflação, provocada pela alta internacional dos alimentos e do petróleo, e empurre para o buraco a economia.

Foram congelados os preços de 150 produtos da cesta básica mexicana. A medida valerá até o fim do ano e só foi possível graças a um acordo com a Confederação das Câmaras Comerciais do México. No Uruguai, o acordo foi com a indústria frigorífica. "Não creio que esses acordos dêem certo. A tendência é que esses países enfrentem desabastecimento, como ocorre na Argentina e na Venezuela", frisou Newton Rosa, economista-chefe da Sul América Investimentos.

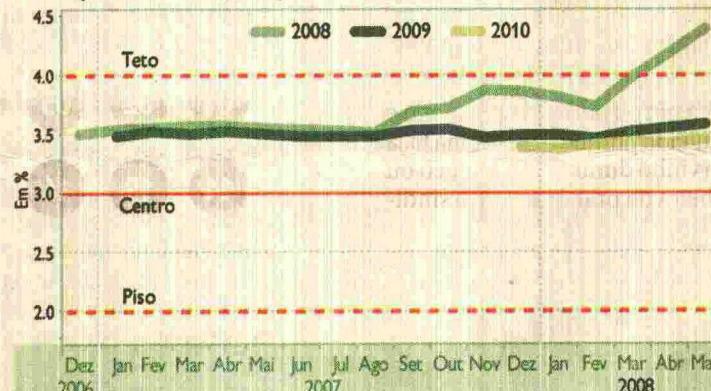
## NA AMÉRICA LATINA

Argentina, México e Chile enfrentam dificuldades com inflação em alta

### MÉXICO

#### ESTOURO

Expectativa de inflação supera o teto da meta e governo congela preços



### ARGENTINA

Há desconfiança de que o governo mascara a inflação

#### CUSTO DE VIDA

Expectativa de inflação anual dispara



#### MOEDA FRACA

Os depósitos do setor privado em pesos começaram a cair



Celsio Junior/AE

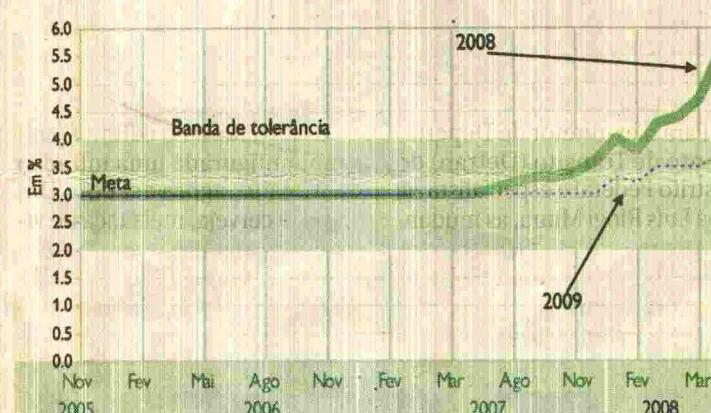


### CHILE

Banco central chileno aliviou a política monetária

#### PREÇOS

Expectativa de inflação está 1,5 ponto percentual acima da meta



### SEM PROTEÇÃO

As reservas cambiais despencam



### DESCONFIAÇA

Índice de confiança do consumidor em queda livre



## PROTESTO CONTRA JUROS ALTOS

Cerca de 1,5 mil pessoas, pelos cálculos da Polícia Militar, fizeram uma manifestação de mais de duas horas em frente ao Banco Central, no Setor Bancário Sul, em Brasília (foto). Eles protestaram contra a alta dos juros e as remarcadas de preços pelos empresários. A maioria dos manifestantes era de estudantes ligados à União Nacional dos Estudantes (UNE) e à União Brasileira de Estudantes Secundaristas (Ubes). Eles gritaram palavras de ordem como "Estudantes querem estudar, mas Meirelles não quer deixar", "Não queremos juros, queremos educação" e "Meirelles, baixe os juros". A Polícia Militar teve de intervir para conter os estudantes que jogaram tinta, latas e canos de PVC no prédio do BC, mas ninguém foi preso. (VN)

## REAÇÃO NEGATIVA DO MERCADO

O congelamento de preços no México provocou estragos nos principais indicadores de confiança do país, como as projeções de inflação e as taxas futuras de juros, que dispararam. O mercado passou a embutir prêmios nos negócios, temeroso de que, quando os reajustes forem liberados, a inflação volte mais forte do que antes da decisão do governo. "A primeira sensação, quando os mercados abriram, foi a de que o populismo tinha voltado ao país, sempre citado como modelo para a América Latina", disse a economista Vitória Saddi, da consultoria RGE Monitor, ressaltando que o México é a economia latino-americana com maior presença nas carteiras dos fundos de investimentos estrangeiros.

Com o congelamento, o México passou a fazer parte do grupo de países "suspeitos", no qual estão a Argentina, onde o governo é acusado de maquiar os índices de inflação — a taxa oficial está em 8,5% em 12 meses, quando a projeção do mercado aponta para 37,5% —; a Venezuela, que sofre com a falta de mercadorias; e a Bolívia, onde a intervenção estatal na economia é cada vez maior. "Esses três países estão perto do caos, justamente porque optaram por políticas econômicas equivocadas", afirmou o economista-chefe do Banco WestLB, Roberto Padovani. "Aqueles que seguiram o pragmatismo, como o Brasil, estão colhendo os frutos do crescimento econômico consistente", emendou.

Na opinião de Érica Fraga, analista para a América Latina da Economist Intelligence Unit (EIU), são evidentes os riscos de que medidas extremas, como o congelamento de preços, se espalhe pela região. "Não é preciso ir muito longe no tempo para vermos isso", assinalou. Entre 1980 e 1990, o Brasil decretou quatro congelamentos. O resultado foi que o país mergulhou em um processo inflacionário que resultou no aumento da pobreza, na maior concentração de renda e em desemprego recorde. Mesmo economias sólidas, como a do Chile, caíram na tentação. Lá, depois de meses de juros congelados, o Banco Central voltou a elevar a taxa para conter a inflação. (VN)